

A AVALIAÇÃO DOS PARES

ADRIANA CÉLIA ALVES¹ MARIA INÊS VASCONCELOS FELICE²

Resumo

O estudo investiga os processos avaliativos no curso de Letras, especificamente a avaliação dos pares ou co-avaliação: trata-se da avaliação formativa onde os alunos atribuem notas aos colegas. De cunho etnográfico, através de questionários e entrevistas, esta pesquisa qualificativa foi desenvolvida com os alunos do curso de Letras. Faz-se uma análise contrastiva com os estudiosos dessa área como Luckesi (2002), Perrenoud (1999), Hadji (2001), Álvares Mendes (2002), Jussara Hoffman (2002), Celso Vasconcelos (2006). Assim, investigamos a avaliação dos pares e seus possíveis efeitos no processo de ensino-aprendizagem. Discutimos se o aluno é capaz de se auto-avaliar e ainda avaliar o outro; se seria necessária a participação dos alunos na construção e gestão do processo de ensino-aprendizagem; se o discente é capaz de interagir como participante ativo do processo avaliativo. Investigaremos qual a influência/interferência do professor nessa forma avaliativa e qual o sentimento do aluno avaliado e do aluno avaliador. Por meio dos questionários e de entrevistas procuramos verificar se o aluno, futuro professor, consegue manter um distanciamento ao atribuir nota a um colega. Pesquisamos também, como é /ou como deveria ser desenvolvida este tipo de avaliação. Dessa maneira, frente a um assunto pouco discutido, tenta-se criar uma concepção mais consciente nos docentes e discentes, do ato de avaliar como parte constitutiva do processo de construção do conhecimento.

Palavras-chave: Avaliação. Pares. Ensino-aprendizagem.

Résumé

L'étude fait une investigation sur les processus d'évaluation dans le cours de Lettres, en particulier de l'évaluation des pairs ou co-évaluation : il s'agit d'un type d'évaluation formative où les étudiants attribuent des notes aux camarades de classe. De caractère ethnographique, à travers des questionnaires et des interviews, cette recherche a été menée auprès des étudiants du cours de Lettres. On a fait une analyse contrastive avec les chercheurs dans ce domaine comme : Luckesi, Perrenoud, Hadji, Álvares Mendes, Jussara Hoffman, Celso Vasconcelos. Ainsi, nous avons étudié l'évaluation des pairs et

¹ Ileel, UFU, Rua João José da Silva, 80 – Uberlândia – 38408-116 – c4.adriana@gmail.com

² Ileel, UFU, Av. João Naves de Ávila, 2121 – Bloco U – sala 206 – Uberlândia – 38400-902 – minesfelice@gmail.com

leurs possibles effets sur les processus d'enseignement et d'apprentissage. Nous avons discuté si l'étudiant est capable de s'auto-évaluer et évaluer l'autre ; s'il faut la participation des étudiants dans la construction et la gestion du processus d'enseignement ; si l'étudiant est capable d'interagir en tant que participant actif du processus d'évaluation. Nous avons cherché aussi quelle serait l'influence /ingérence du professeur dans cette forme d'évaluation et quel serait le sentiment des étudiants-évalués et de l'étudiant-évaluateur. Par l'intermédiaire des questionnaires et des interviews nous avons vérifié si l'étudiant, professeur en formation, était capable de maintenir une distance au moment d'attribuer une note aux camarades. Nous avons investigué aussi comment, selon l'avis des étudiants, devrait être développé ce type d'évaluation. De cette façon, par rapport à un sujet peu discuté, cette étude essaie de créer une conception plus consciente dans nos enseignants et dans les étudiants, de l'acte d'évaluer comme un élément constitutif du processus de construction des connaissances.

Mots-clés : Évaluation. Évaluation des pairs. Enseignement-apprentissage.

Introdução:

Considerando as diferentes estruturas e estratégias em que se encontra o contexto educacional, sempre em evolução, percebemos que o processo avaliativo, assunto pouco discutido, merece atenção no atual cenário educacional.

O conhecimento não é uma estrutura gnosiológica estática, mas um processo de descoberta coletiva entre educador e educando e, por isso mesmo, a avaliação se transforma em mais um momento de aprendizagem tanto para o professor quanto para o aluno. (ROMÃO, 2001, p.88).

Muitos são os temas e discussões que se processam em torno desse assunto, porém o tema ainda é pouco enfrentado, tanto por parte dos discentes, como dos docentes. Como discute Hoffmann (2002, p. 10): “Porque avaliamos? Quais os rumos da avaliação nesse século? Discute-se avaliação, focalizando apenas uma pequena parte da totalidade, sem prestar atenção ao que lhe dá fundamento”.

Este estudo discutirá a avaliação dos pares e seus possíveis efeitos no processo de ensino-aprendizagem, como construção do conhecimento. Este projeto baseia-se no projeto de pesquisa da professora Dra. Maria Inês Vasconcelos Felice (2006), “O processo de avaliação formativa no Curso de Letras”.

O conceito de avaliação formativa se opõe à avaliação somativa enfatizando a importância do processo e não do produto... A interatividade constitui um dos pontos mais importantes da avaliação formativa que permeada pelo diálogo é antes um processo de humanização e contribui para que o sujeito avaliado torne-

se consciente do seu próprio desenvolvimento desencadeando a motivação intrínseca, isento de possíveis recompensas ou punições. (RIOS, 2005, p.1)

A avaliação dos pares tem sido apontada como um bom indicador do futuro desempenho profissional, sendo considerada consistente e confiável, fornecendo informações que não poderiam ser medidas pelos métodos tradicionais. De forma complementar, a auto-avaliação também contribui para o processo de aprendizagem contínua, pois auxilia os alunos a identificarem seus pontos fortes e fracos. (DOMINGUES et al, p.1)

Dessa forma, propomos algumas questões: o que vem a ser a avaliação dos pares? O aluno é capaz de se auto-avaliar e ainda avaliar o outro? É necessária a participação dos alunos na construção e gestão do processo de ensino-aprendizagem? O aluno é capaz de interagir como participante ativo do processo avaliativo? Qual a influência/interferência do professor nessa forma avaliativa? Qual o sentimento do avaliado e do avaliador? O aluno tem consciência de como sua nota afeta o outro? E ainda, qual a receptividade do avaliado? Discutiremos, ainda, o que é a avaliação dos pares, como ela se constitui, qual sua eficiência, se ela seria uma avaliação válida? Por que se fala pouco, e se faz tão pouco a avaliação dos pares? Qual importância de se aprender a avaliar em um curso de licenciatura? Qual a melhor forma para que esse tipo de avaliação crie condições para o aluno aprender?

Segundo Hadji (2001, p.19) é necessário “compreender os erros para criar condições de superação”. Assim sendo, como fazer desenvolver essa superação na avaliação dos pares? “A fala dos outros (dos pares, dos professores) deve ser uma oportunidade dada ao aluno para estender e diversificar suas competências espontâneas de auto-regulação”.

Objetivo Geral

Discutir a avaliação dos pares e sua repercussão no meio acadêmico.

Objetivos Específicos

1. Verificar as formas avaliativas presentes no curso de Letras.
2. Discutir a relação/ interação dos pares como parte integrante da avaliação formativa, para a construção do processo avaliativo.
3. Construir uma proposta diferenciada de avaliação, no novo contexto pedagógico.

Justificativa:

Devido às discussões sobre as formas de avaliar e ser avaliado, e ainda à grande barreira que este assunto encontra no meio educacional, esta pesquisa visa discutir a relação/interação

entre os pares dentro da avaliação formativa, considerando a importância desse processo no âmbito educativo, que está sempre em construção. Com as novas metodologias, fazem-se necessárias diferentes formas de refletir, encarar e entender o processo avaliativo, criando, dessa forma, uma concepção mais consciente nos docentes e discentes, do ato de avaliativo como construção do conhecimento.

Metodologia

O recorte teórico dessa pesquisa é de cunho etnográfico, baseando-se na aplicação de questionários como instrumento para a coleta e posterior análise dos dados. Utilizamos também entrevistas com os alunos para triangular e sustentar a pesquisa.

Na primeira etapa, fizemos um estudo para o embasamento teórico, com a leitura de obras de alguns autores que discutem esse tema, como Luckesi (2002) Perrenoud (1999) Jussara Hoffman (2001) Hadji (2001) Álvares Mendes (2002) entre outros. Dessa forma, pudemos levantar dados bibliográficos que sustentassem as discussões.

Na segunda etapa, foram formulados questionários aos alunos do Curso de Letras da Universidade Federal de Uberlândia, visando reconhecer a percepção desses sobre a avaliação dos pares. Estes questionários foram discutidos no Grupo de Estudos sobre Avaliação (GEVALIAR), coordenado pela orientadora deste trabalho de Iniciação Científica.

Na terceira etapa, aplicamos os questionários a 47 alunos do curso de Letras.

Na quarta etapa, foram elaboradas, após discussões no GEVALIAR, as questões para as entrevistas que foram, logo em seguida, feitas com outros alunos do curso de Letras da UFU.

Na quinta etapa, foram analisados os dados obtidos, apresentando-se os resultados no GEVALIAR, para as discussões de praxe, e, a seguir, foi redigido o relatório final desta pesquisa.

Resultados e Discussões:

Foram feitos levantamentos bibliográficos de autores que discutem o tema avaliação, como Vasconcellos (2006), Méndez (2002), Hoffman (2002), Perrenoud (1999), entre outros. O que se pode perceber é que a discussão nesse âmbito é recente, e alguns autores comentam o assunto de forma consistente, porém quando tratamos da “avaliação dos pares” (o aluno avaliar seu colega de sala), encontramos alguns entraves: poucos são os materiais teóricos encontrados e muito pouco se tem discutido sobre o assunto no meio acadêmico, principalmente em cursos de

formação de professores, onde esta prática se faz necessária. Encontramos o tema mais abordado na área de formação de profissionais da área da saúde.

Na segunda etapa do trabalho, foi elaborado um questionário, em anexo (1), e a turma escolhida para a aplicação do questionário foi a primeira turma dos novos currículos do curso de Letras da Universidade Federal de Uberlândia, alunos do quarto período, nos turnos diurno e noturno; totalizando 47 questionários respondidos e analisados, por intermédio dos quais podemos observar os vários contatos, opiniões, pontos de vista dos alunos frente ao assunto.

Análise:

Pergunta 1) Você já avaliou (pontuou) algum colega por seu desempenho nas atividades de sala de aula?

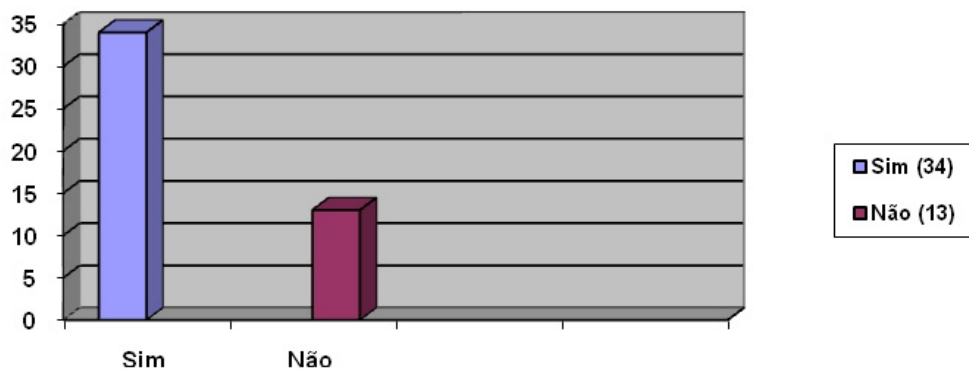


Fig. 1

Percebemos que a maioria dos alunos desse novo currículo já teve contato com o processo avaliativo dos pares durante o curso; assim, constatamos que os métodos avaliativos tradicionalistas (prova, nota, conceito, boletim, recuperação, reprovação) têm-se modificado um pouco, já que os alunos estão mais participativos nesse processo. O professor não é mais o detentor absoluto do conhecimento, e compartilha também a “responsabilidade” de avaliar. Já que a “avaliação dos pares” não é tirar essa responsabilidade de aprovação ou reprovação que o professor parece ter, como detentor do poder, mas sim dividir, compartilhar, mostrar o processo avaliativo no qual o discente encontra-se inserido, tornando-o crítico e autônomo. Dessa forma, como as novas concepções de ensinar / aprender estão se modificando, as formas de avaliar necessitam também de mudanças.

...se aceitamos a mudança gerada pela nova narrativa curricular, deparamo-nos com uma mudança no conceito de aprendizagem e, conseqüentemente, com uma mudança nos princípios e critérios que devem inspirar novas formas de ensinar e de avaliar e novas funções do ensino e da avaliação. (MENDES, 2002, p.92).

...desestabilizar práticas rotineiras e automatizadas a partir de uma tomada de consciência coletiva sobre o significado dessa prática. E esse é um desafio que se tem que enfrentar! O maior dentre os desafios é ampliar-se o universo dos educadores preocupados com “o fenômeno avaliação”, estender-se a discussão do interior das escolas a toda a sociedade, da sua historia feição autoritária, é preciso descaracterizá-la dessa feição pensando nas futuras gerações. (HOFFMANN, 2008, p.23).

Pergunta 2) A professora estabeleceu /ou deveria estabelecer critérios para a avaliação do seu colega ?

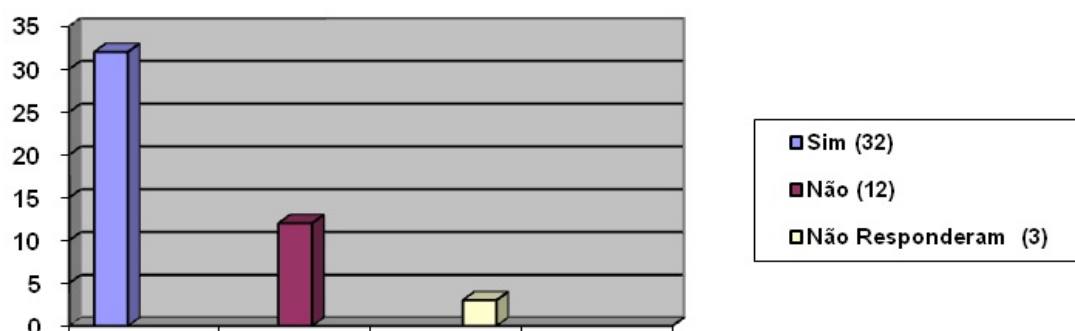


Fig. 2

Quando questionados sobre o critério para se avaliar, percebemos que a maioria dos discentes acredita que os critérios devem ser estabelecidos pelos professores. Impor, ou deixar os alunos livres para estabelecerem os critérios? Como estabelecer critérios realmente eficazes? Muitos são os critérios possíveis para estabelecer em uma avaliação, porém muitas também são as discussões. Segundo Hoffman (2008, p.41), “a precisão dos critérios é tema de várias teses em educação devido à complexidade do assunto”. Para uma avaliação mais consistente, é necessário, além dos critérios estabelecidos, que o avaliado tenha conhecimento desses critérios.

Como concepção alternativa próxima e concepções que se identificam mais fielmente com epistemologia genética do conhecimento, é necessário garantir, tanto ao professor quanto ao aluno, critérios que orientem e que apóiem realmente a avaliação participada, compartilhada. Na base desse raciocínio, reconhece-se que quem é avaliado aplica e utiliza os conhecimentos de modo argumentado, participativo, criativo, compartilhado- seja com o professor e/ou com os colegas de grupo – para resolver as questões que lhe são formuladas no

exercício de avaliação, o qual, evidentemente, deve abranger além do que se entende em geral como exame. (MENDES, 2002, p. 101 / grifo meu)

Pergunta 3) Você elaborou /ou elaboraria critérios para avaliar?

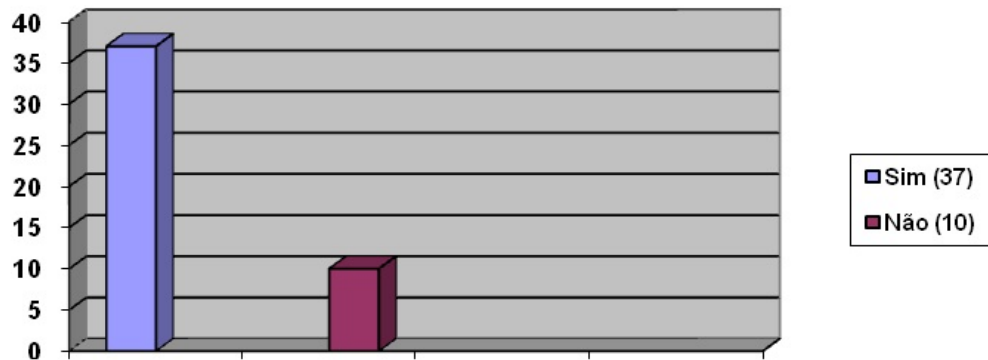


Fig. 3

Já quando perguntado se os alunos elaboraram ou elaborariam critérios, a maioria da respostas também é afirmativa, ou seja, os alunos possuem uma consciência de que é necessário haver critérios para avaliar. Mas, como elaborar esses critérios? Celso Vasconcelos (2006) acredita que os critérios quando elaborados conjuntamente (professor e alunos) torna a avaliação menos subjetiva. Assim, todos tomam consciência do que deve ser levado em conta na hora de avaliar e quais os itens em que cada um será avaliado. Além de critérios bem delineados, os objetivos da avaliação também precisam estar claros, como aponta Barlow (2006, p.122):

...os objetivos da avaliação devem ser não apenas claramente definidos “na cabeça do avaliador”, como também parecer evidentes aos olhos dos alunos. Estes devem saber com muita precisão o que se espera deles e sobre o quê serão avaliados. É o que se chama de uma avaliação transparente.

Pergunta 4) Se respondeu sim, quais?

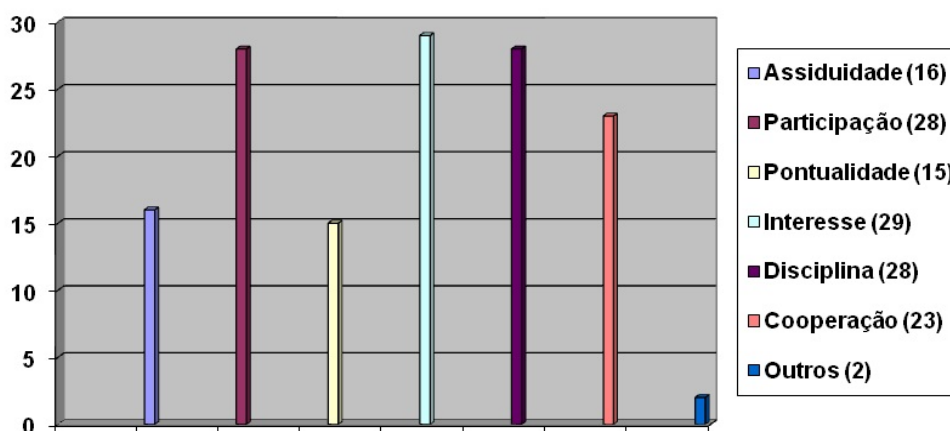


Fig. 4

Nessa questão, os discentes puderam apontar mais de uma opção e, além disso, também especificar outro critério que considerasse relevante. Dessa forma, o “interesse” é o critério mais observado pelos alunos, enquanto avaliadores. Assim, vemos que os alunos são capazes de observar e pontuar o que acreditam ser mais importante. De uma maneira geral, todos os critérios são levados em conta pelos discentes; além desses, um aluno aponta o respeito como um item a ser também avaliado.

Pergunta 5) O que você sentiu/ ou sentiria avaliando seu colega?

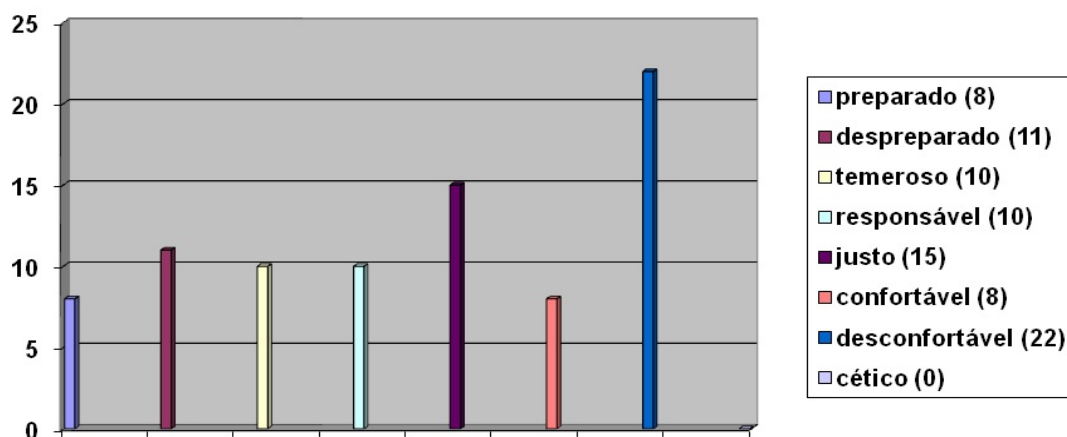


Fig. 5

Estamos sempre em um constante processo de avaliação: avaliamos lugares, atitudes, pessoas, vestuários e ainda nos avaliamos. Porém quando a avaliação se torna algo sistematizado, ou seja, quando ela é transformada em nota, apresentamos uma certa dificuldade em fazê-la.

Podemos ver que a maioria dos discentes está ciente do que é necessário analisar em uma avaliação, porém a maior parte deles ainda se sente desconfortável quando avalia. Dessa forma, atribuir nota a um colega causa incômodo.

Assim, quando falamos de avaliação, sabemos que para a atribuição de nota devemos ser imparciais, não levando em consideração questões pessoais, porém parece que ainda nos encontramos arraigados nesse lado sócio afetivo: os alunos sentem receio em avaliar o outro. Em contraponto, observemos o que o discente sente ao ser avaliado por seu colega.

Pergunta 6) O que você sentiu/ ou como você se sentiria sendo avaliado pelo seu colega

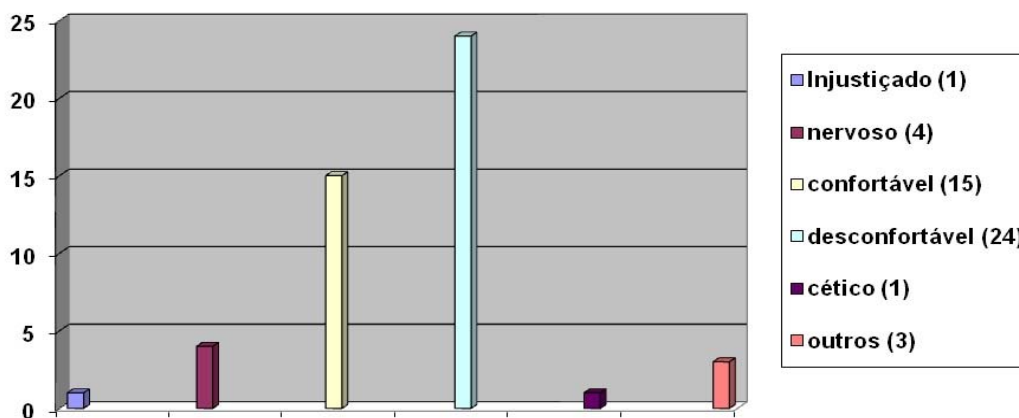


Fig. 6

Aqui, comprovamos um bloqueio em relação à co-avaliação: os discentes não se sentem à vontade para receber a nota de um colega. Assim, faz-se necessária uma conscientização, desvinculando a nota recebida do lado sócio-afetivo. Considerando a importância e a familiarização com o ato avaliativo sistematizado, Barlow (2006) dá uma sugestão:

...é fácil declarar uma tal neutralidade afetiva; o difícil é sustentá-la na prática. Tão vigorosamente quanto tenta evitar isso, o avaliador não pode deixar de ser influenciado pelo “efeito halo”, que o induz a levar em conta aquilo que ele sabe de seu aluno. (p. 115)

...para o estudante que é avaliado, será que essa situação não é condicionada pelas relações que ele mantém com os colegas? Essa dimensão sócio-afetiva pode embaralhar o exercício da co-avaliação- e isso, sem dúvida, mesmo quando

se tem o cuidado de pedir os estudantes que, em vez de expressar uma avaliação de conjunto a propósito do trabalho de seu colega (bom, medíocre, genial...), façam uma análise detalhada, por exemplo, com a ajuda de um questionário de escolha múltipla (assinale entre as quatro apreciações a que lhe parece corresponder melhor ao método utilizado por seu colega...) (p. 66)

Pergunta 7) A nota que você recebeu / ou receberia do seu colega contribui para sua formação ? De que maneira?

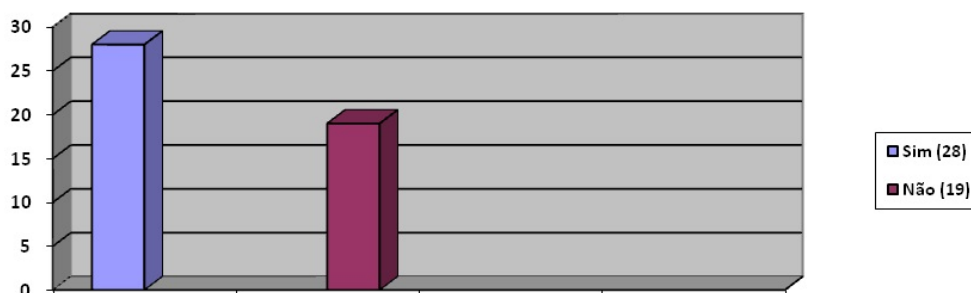


Fig. 7

Apesar de alguns discentes não acreditarem que a nota do colega contribui para a sua formação, grande parte acredita que contribui de forma positiva: possibilitando mudanças, melhorando no desempenho, fazendo perceber os erros, contribuindo para aumentar a confiança, apontando o que se deve melhorar, fazendo o outro perceber seu erro e com isso tentar melhorar. Eles apontam, ainda, que a nota também fez mudar o próprio comportamento em sala de aula. Assim, temos a importância do “feedback” que, quando aplicado de forma positiva, contribui para a formação: o discente quando recebe estímulo tende a progredir.

8) Durante o curso de Letras você já teve noções de como avaliar?

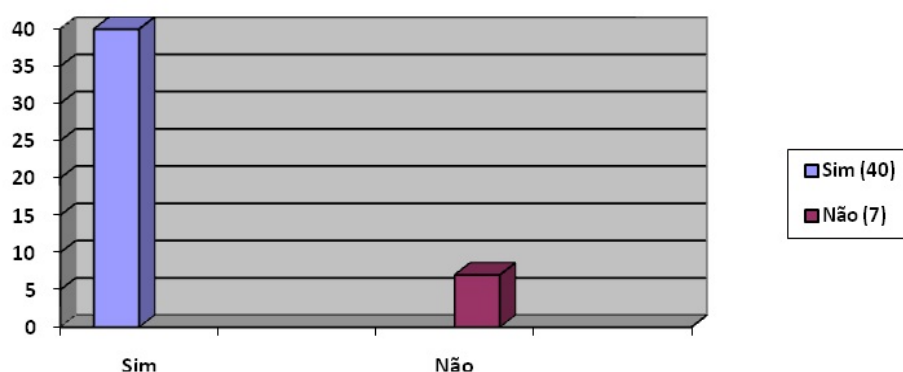


Fig. 8

Averiguamos que grande parte dos discentes que responderam o questionário já teve noções de como avaliar. Temos uma necessidade de discutir, de questionar, de entender o processo avaliativo nos cursos de licenciatura, já que a formação aqui é de futuros profissionais da educação, que, com certeza, deverão, em sua futura carreira profissional, fazer uso da avaliação.

9) Você se sente preparado para avaliar seu colega e futuramente seu aluno?

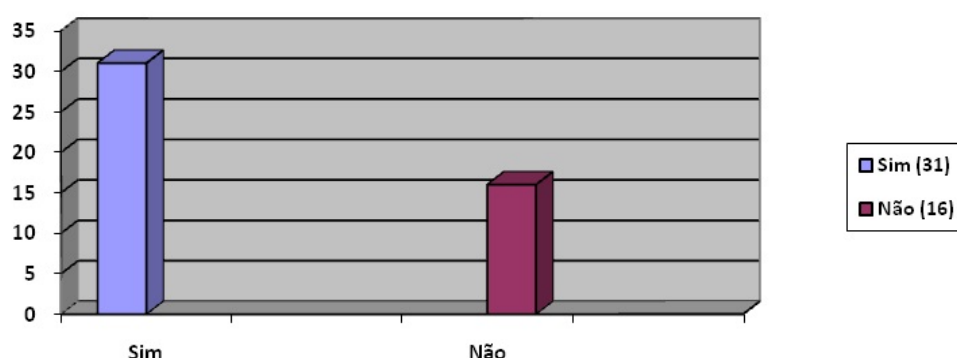


Fig. 9

Aqui, vemos que os discentes se sentem preparados para avaliar o seu futuro aluno, porém, muitas vezes, na realidade o que vemos é a repetição das antigas práticas avaliativas classificatórias e não formativas. Pois o discente que não recebe formação adequada, acaba repetindo o modo como ele próprio foi avaliado. Desse modo, se torna de extrema importância:

...estabelecer um diálogo sobre a importância de o professor ser formado para ser um bom avaliador, consciente do que é um processo avaliativo, pelo fato de que a realidade não é fixa ou estática – é criada por meio de interações humanas, pois acredita-se que, com a criatividade e disponibilidade, os seres humanos podem agir e mudar a realidade. (GONÇALVES, MAIMONE, 2008. p. 52)

10) Quando e porque é necessário avaliar o colega?

Essa última pergunta do questionário foi uma questão aberta; 3 pessoas não responderam e houve diversas opiniões sobre o assunto: a maioria das opiniões foram favoráveis à avaliação dos pares; nove pessoas não acreditam ser necessário avaliar o colega.

Alguns acreditam que esse tipo de avaliação gera *constrangimento*³, que só o professor é capaz de avaliar, que este é o seu papel e não cabe ao aluno fazê-lo. Outros alunos acreditam que é importante avaliar o colega quando há trabalhos em grupo ou em algum tipo de atividade em sala de aula, pois contribui para melhorar as *falhas*, serve de experiência como futuro professor, contribuindo para a “formação pessoa/profissional”.

Esse tipo de avaliação, ainda muito recente no meio acadêmico, gera divergências, e diversas opiniões. Os alunos que não acreditam ser necessário avaliar o colega apontam que este tipo de avaliação *desestimula os alunos*, outros acreditam que os estimula fazendo com que os *colegas saibam onde estão errando e atuando para que possam melhorar suas atitudes*. Qualquer instrumento de avaliação que não seja desenvolvido de forma correta, com certeza gera constrangimento e desestimula o aluno. Logo, temos a importância da avaliação ser formativa para contribuir com o desenvolvimento do aluno. Enquanto discentes, muitas vezes, não temos conhecimento do processo avaliativo, assim, se a avaliação se torna algo constrangedor e de caráter não formativo, estamos criando um distanciamento de sua função. Dessa forma, quando a avaliação dos pares é usada apenas para um aluno rotular o outro, ou apontar seus defeitos, ela não faz sentido. Faz-se, portanto, necessário o máximo esclarecimento do objetivo da tarefa desenvolvida.

Outros alunos acreditam que é papel do professor avaliar, já outros acreditam que serve como estágio para o *futuro como professor*. Muitos alunos dos cursos de licenciatura, às vezes, não se dão conta de que um dia eles precisarão avaliar ou acreditam que, quando professores terão essa capacidade adquirida. Sabemos que o conhecimento é algo sempre renovável e em desenvolvimento, e a Universidade é um dos lugares onde podemos dividir, estimular, desenvolver nossos conhecimentos em diferentes aspectos. Dessa forma, avaliar não é algo que fazemos apenas quando nos tornamos professores, este processo deve estar em constante mudança e aprendizagem, além disso, contribui como forma de familiarização com o processo avaliativo, em todos os aspectos: cognitivo, afetivo e social.

³ Em itálico, opiniões extraídas dos questionários.

Entrevistas:

A etapa seguinte consistiu em entrevistar os alunos (anexo 2). Foram feitas quatro entrevistas, semiestruturadas. Os alunos participantes cursavam o quarto e quinto período do Curso de Letras, e foram escolhidos por apresentarem opiniões bem distintas entre si.

Os entrevistados aqui serão denominados A1, A2, A3, A4. Serão transcritas as partes mais relevantes das respostas de cada entrevistado.

1. Você sabe o que é a “avaliação dos pares” / ou co-avaliação? Você já participou desse tipo de atividade?

A1 sabe o que é co-avaliação, mas nunca participou. Os outros participantes sabem o que é e já participaram da atividade.

Nas perguntas seguintes, foram direcionadas dois tipos de perguntas: para os que já participaram (coluna 1, anexo) e para os que ainda não participaram dessa atividade (anexo, coluna 2)

2. (1) Como foi desenvolvida/proposta a avaliação dos pares? (2) Ou, Você gostaria de participar desse tipo de atividade? Como você imagina que é avaliação dos pares?

A1: Eu não gostaria de participar, porque não gostaria de avaliar outra pessoa, mas não teria problema em ser avaliada. Olhando alguns pontos como dedicação, trabalho em grupo.

A2: Já fiz com muito contra gosto...porque eu não acredito que um colega tenha preparo suficiente para me avaliar. Também não tem preparo para fazer nenhum julgamento prévio sobre uma determinada conduta de um colega de sala de aula. Na atividade que foi proposta tínhamos que observar o desempenho da pessoa e a evolução dela

A3: Eu gostei da atividade, mas vai muito do par que te avalia. Eram atribuídos 20 pontos: 10 de auto-avaliação, 10 pontos que o colega dava pra gente.

A4: Como foi o processo de aprendizado, do começo ao fim do semestre, aqueles que se desenvolveram mais, se comprometeram. Os critérios foram estabelecidos pela professora, elaborados juntos, uma coisa dinâmica.

Percebemos que a pessoa que nunca teve o contato com esse tipo de avaliação (A1), já cria um bloqueio, uma resistência e um preconceito. Em A2, constamos um descrédito por parte desse discente com relação a ele mesmo e seu colega. Ele não acredita ser capaz de avaliar, dentro desse tipo de atividade. Por outro lado, A3 teve a visão de apenas uma pessoa avaliando, e não do grupo todo. Ele comenta um interessante ponto: ele se mostra interessado pela atividade, porém depende do modo como é desenvolvida. A avaliação dos pares, como qualquer outra atividade, quando feita em forma de rotulação, ou sem a objetividade devida, pode criar uma resistência. Já A4 gostou da atividade e se interessou por ela.

3. Como você acredita que deve/deveria ser desenvolvida esse tipo de avaliação?

A1: olhando alguns pontos como, dedicação, em trabalho em grupo, interação

A2: eu avalio meu aluno levando em considerações os aspectos de comportamento, participação nas aulas, realização das atividades propostas e a atitude dele. Avaliar meu colega de aula é outra situação.

A3: nota é uma coisa muito imparcial, a nota deve ser dividida em várias atividades (avaliação diferenciada).

A4- da mesma forma que foi desenvolvida

Apesar de algumas idéias diferenciadas, os participantes apontam alguns critérios que eles acreditam ser importantes para avaliar, como no questionário anterior, na (questão 4) eles são conscientes do que deve ser observado, fazem as devidas observações, porém quando isso precisa ser transformado em nota, é “outra situação”.

4. Qual foi/seria sua atitude/reação perante a atividade proposta? E a do seu colega (perante a nota recebida)?

A1: ser avaliada não gera problema pra mim, mas eu preferia ficar neutra para avaliar meu colega, acho que ele não entenderia.

A2: Eu me senti péssimo, porque eu penso assim, como eu vou ser avaliado por uma pessoa que o mesmo nível de conhecimento similar ao meu... Teve gente

que levou na brincadeira, pessoas que são amigas, que estavam tudo muito bem uma com a outra.

A3: Nota é uma coisa que você nunca espera. Você pode ver um pouco dos seus defeitos e te ajuda a melhorar como pessoa.

A4: Quando a gente se avalia é mais difícil que avaliar que avaliar os outros, mas em contrapartida a gente acaba sendo mais flexível com os outros que com gente, dentro dos mesmos critérios.

Fica evidente que, quando o aluno é chamado a compartilhar a responsabilidade da nota com o professor, ele cria uma barreira, com receio, com medo de “apontar o dedo” para o seu colega e este não gostar, afetar a amizade ou criar inimizades; e abster-se parece ser a melhor solução. Dessa forma, vemos que ainda o lado sócio-afetivo se encontra extremamente ligado à nota na perspectiva dos alunos. E ainda, que o professor, que não é mais tido como o centro do saber, é o único capaz de desvincular a nota do lado sócio-afetivo.

5. Você acredita que esse tipo de avaliação contribui/contribuiria para sua formação? De que forma?

A1: Este tipo de avaliação sinceramente não contribuiu com a minha formação.

A2: Não teve nenhuma contribuição para minha formação, porque eu não aceitei fazer parte desse projeto e avaliar é uma questão muito subjetiva do indivíduo e cabe a uma pessoa que já tem a experiência em fazê-lo. Eu não quero ser cobaia de ninguém.

A3: Contribui para ver meus defeitos e melhorá-los

A4: Com certeza, esse tipo de avaliação contribui para a formação. Enquanto professores, nós temos que passar por um momento de avaliação, então eu acho que tanto a auto-avaliação, quanto a avaliação dos outros, já é um começo pra gente saber como avaliar. Não é só atribuir nota, avaliar o processo.

Podemos observar nesses excertos, opiniões bem diferenciadas; dois discentes que pensam que esse tipo de avaliação não contribui para sua formação, apontando ser a falta de experiência o principal motivo. Por isso, é necessário que o professor forneça concepções claras

do que é e como fazer avaliação, deixar claros os critérios, tentar criar uma neutralidade, conduzindo os alunos a avaliar todo o grupo, como forma de contribuir para a formação de cada um. Tanto como a maneira de internalizar o ato avaliativo, como também para compreender o que pode ser melhorado. Apesar disso, vimos, através dos questionários, que uma boa parte (28%) acredita na contribuição positiva, como forma de aperfeiçoamento através da avaliação dos pares.

6. Nos questionários aplicados foram selecionadas duas opiniões favoráveis e duas contrárias no seguinte questionamento: “Quando e porque é necessário avaliar o colega?”.
Gostaria que você comentasse essas opiniões:

“Não acho necessário, gera constrangimento e contribui ainda mais para desestimular os alunos do curso”

“Não sou muito de acordo, pois creio que somente o professor é capaz de avaliar sem considerar questões pessoais. (e olha lá)”

-“Para se obter noção crítica de comportamento e comprometimento do colega ou no caso futuro, um possível aluno”.

- “No caso do curso serve como um estágio para o futuro como professor além de ter uma idéia de como os outros nos avaliam quais os pontos positivos e negativos que podemos melhorar.”

A1: Eu concordo com a segunda afirmação, nem sempre compreendemos o outro. Eu acho que a avaliação do professor é suficiente, depois temos complementações na nota...com outras atividades.

Eu me sinto preparada para avaliar meu aluno futuramente, penso ser diferente, são níveis diferentes... Enquanto discente estou no mesmo nível.

A2: Eu acho que só o professor mesmo é capaz de avaliar porque o aluno ainda está em processo de formação, ainda não tem a noção da abrangência. Também causa um certo constrangimento, você se sente vigiado, se sente invadido e dependendo da forma que você será avaliado isso pode causar constrangimento, pode te deixar inferiorizado aos demais, ou diminuir sua motivação, pode criar até um bloqueio.

A3: Não concordo (opiniões contrárias a avaliação dos pares). Pois como os alunos irão avaliar como professores algum dia na vida. É bacana você ser avaliado e rever seus conceitos e dos seus colegas que às vezes convive mais com você que seus pais e pode falar o que você poderia melhorar. Tem que haver um motivo e não simplesmente por um defeito.

A4: Depende de como isso for trabalhado, por exemplo, se eu trabalho de uma forma, às vezes um pouco mais anônima, por exemplo eu vou avaliar, todo mundo avaliou todo mundo, então faz se uma média geral, eu não preciso apontar o dedo e dizer eu dei essa nota pra você. Depois o professor que trabalhou com essa atividade, pode trabalhar com feedbacks individuais, a partir da nota que foi dada pelos colegas.

Nós, enquanto professores em formação ,teremos que avaliar em algum momento, então só enquanto professores nós vamos avaliar? Estamos em processo de aprendizagem pra isso. Algo que a gente vai construindo, processo de aprendizado de como avaliar.

Podemos observar nesses excertos posições bem distintas a respeito do tema. Comprovamos a existência de muitos mitos ainda arraigados, já discutidos anteriormente, e ainda, por estarem em um mesmo nível, acreditam não ser capazes de avaliar. Contudo, já enquanto professores em função, acreditam ser capazes de avaliar. E também, de acordo com o questionário, a maioria se sente preparada para avaliar seu aluno, apesar do desconforto em avaliar o colega.

Nas respostas de A3 e A4, que concordam com a avaliação dos pares, os discentes entendem essa atividade como um bom momento para a aprendizagem, enquanto alunos e professores em formação. A4 ainda comenta uma interessante sugestão de como desenvolver a co-avaliação: todos os alunos se avaliam entre si, e ninguém se identifica, apenas o professor terá acesso a nota que cada aluno atribuiu ao outro. Dessa forma, o professor faz uma média com as notas dadas, e trabalha com cada aluno de acordo com que foi observado pelos discentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não desenvolvemos nesta pesquisa um padrão de avaliação dos pares a seguir, de como fazer e onde fazer, mas sim tentamos, em uma pequena amostragem, mostrar algumas considerações, alguns mitos e criar uma concepção de avaliação diferenciada, no âmbito formativo, onde o “erro” torna-se parte integrante do processo de ensino/aprendizagem. No anexo 3, mostramos algumas sugestões de como pode ser trabalhado esse tipo de avaliação.

Baseando-se no questionário aplicado e nas entrevistas feitas, constatamos que os discentes são capazes de avaliar, porém, quando se trata de avaliar o colega, encontram muitos bloqueios, pois ainda estão ligados a perspectiva sócio-afetiva. Mesmo tendo consciência de como avaliar, na prática sentem dificuldades.

Ressaltamos ainda, a importância de se ter contato com o ato avaliativo, enquanto professores em formação. Precisamos criar uma consciência desse ato, tanto de modo teórico quanto prático. É necessário mostrar que não se trata de apontar defeitos, ou criar inimizades. A co-avaliação deve ser desenvolvida, ressaltando a idéia de avaliação formativa, desvinculando-a do lado sócio-afetivo, e mostrando a possibilidade de melhoria e a contribuição para a o ensino/aprendizagem que ela pode oferecer.

Referências:

BARLOW, M. **Avaliação escolar: mitos e realidades.** Trad. Fátima Murad. – Porto Alegre: Artmed, 2006. 176 p.

DALLEN, A. I. L. de F. **Conselhos de Classe e avaliação: perspectiva na gestão pedagógica da escola.** 3ª Ed. Campinas: Papirus, 2006. 184 p.

DOMINGUES, R.C.L; AMARAL,E.; ZEFERINO; BICUDO, A.M. **Auto-avaliação e avaliação por pares: estratégias para o desenvolvimento profissional do médico.** Disponível: <http://bases.bireme.br/cgi-bin/wxislind.exe/iah/online/?IsisScript=iah/iah.xis&src=google&base=LILACS&lang=p&nextAction=lnk&exprSearch=460200&indexSearch=ID>, acesso em: 23/04/2009.

DONATONI, R.A. (Org.) **Avaliação Escolar e formação de professores.** Campinas: Editora Alínea, 2008. 45 a 52 p.

FELICE, M. I. V. **O processo de avaliação formativa no Curso de Letras, UFU,** Ileel: Uberlândia, 2006. 19 p.

FELICE, M. I. V. trad. **Evauation des travaux croisés**, Modifié à partir d'un extrait du Collègissime (7 et 8 janvier 2001 / CEPEC). Disponível em: <http://www.cepec.org/spip.php?article206>. Acesso em: 12/05/2010

_____. **Auto-évaluation et évaluation des pairs**. Disponível em: www.cssamares.qc.ca/ticp/recit/Doc_cyber/Grille_evaluation.doc. Acesso em: 12/05/2010.

HADJI, C. **Avaliação desmistificada**. Trad. Patrícia C. Ramos. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001. 136 p.

HOFFMANN, J. **Avaliação: Mito e Desafio** - Uma Perspectiva Construtivista. 31ª Ed. Porto Alegre: Mediação, 2002. 188 p.

_____. **Pontos e contrapontos: do pensar ao agir em avaliação**. 6ª Ed. Porto Alegre: Mediação, 2001. 140 p.

_____. **Avaliar para promover: as setas do caminho**. 8ª Ed. Porto Alegre: Mediação, 2006. 140 p.

_____. **Avaliação Mediadora**: Uma prática em construção da pré-escola à universidade. 19ª Ed. Porto Alegre: Mediação, 2001. 189 p.

LUCKESI, C.C. **Avaliação da Aprendizagem Escolar**: estudos e proposições. 14ª ed. São Paulo: Cortez, 2002. 180 p.

MENDES, J. M. A.; Trad. CHAVES, M.S. **Avaliar para conhecer examinar para excluir**. Porto Alegre: Artemed, 2002. 130 p.

PERRENOUD, P. **Avaliação**: da excelência à regulação das aprendizagens – entre duas lógicas. Trad. Patrícia C. Ramos. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

RIOS, Mônica Piccione Gomes. **Avaliação formativa como procedimento de qualificação docente**. Revista E- Currículum, São Paulo, v.1,n.1,dez.-jul.2005-2006. Disponível em <http://www.pucsp.br/ecurriculum>, acesso em: 16/04/2009

RIZZINI, I.; CASTRO, M. R.; SARTOR, C. S. D. **Pesquisando...** Guia de metodologias de pesquisa para programas sociais. Rio de Janeiro: USU Ed. Universitária/CESPI/USU, 1999. 144 p.

ROMÃO, J. E. **Avaliação dialógica desafios e perspectivas**. 3ª Ed. São Paulo: Cortez, 2001, 136 p.

VASCONCELOS, C. **Avaliação concepção dialética**- libertadora do processo de avaliação escolar. 16ª ed. São Paulo: Libertad, 2006. 133 p.

ANEXOS: 1



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE LETRAS E LINGUÍSTICA
PROJETO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
PROFESSORA ORIENTADORA: MARIA INÊS VASCONCELOS FELICE
ALUNA : ADRIANA CÉLIA ALVES



- 1) Você já avaliou (pontou) algum colega de sala ?
 Sim Não

- 2) A professora estabeleceu / ou deveria estabelecer critérios para a avaliação do seu colega?
 Sim Não

- 3) Você elaborou / ou elaboraria critérios pra avaliar?
 Sim Não

- 4) Se respondeu sim, quais (pode ser assinalada mais de uma opção):
 Assiduidade Pontualidade Disciplina
 Participação Interesse Cooperação

Outros _____

- 5) O que você sentiu / ou sentiria avaliando seu colega? (mais de uma opção pode ser assinalada)
 preparado despreparado temeroso responsável
 justo confortável desconfortável cético
Outros: _____

- 6) O que você sentiu/ ou como você se sentiria sendo avaliado pelo seu colega?
 Injustiçado nervoso confortável desconfortável
Outros: _____

- 7) A nota que você recebeu / ou receberia do seu colega contribuiu para sua aprendizagem:
 Sim Não
De que maneira: _____

- 8) Durante o curso de Letras você já teve noções de como avaliar?
 Não Sim

- 9) Você se sente preparado para avaliar seu colega e futuramente seu aluno?
 Não Sim

- 10) Quando e porque é necessário avaliar o colega?

ANEXO 2
Entrevista

7. Você sabe o que é a “avaliação dos pares” / ou co-avaliação? Você já participou desse tipo de atividade?

<p>8. Como foi desenvolvida/proposta a avaliação dos pares?</p> <p>9. Como você acredita que deveria ser desenvolvida esse tipo de avaliação?</p> <p>10. Qual foi sua atitude/reação perante a atividade proposta? E a do seu colega (perante a nota recebida)?</p> <p>11. Você acredita que esse tipo de avaliação contribui para sua formação? De que forma?</p>	<p>- Você gostaria de participar desse tipo de atividade? Como você imagina que é avaliação dos pares?</p> <p>Como você acredita que deveria ser desenvolvida esse tipo de avaliação?</p> <p>Qual seria sua atitude/reação perante a atividade proposta? E a do seu colega (perante a nota recebida)?</p> <p>Você acredita que esse tipo de avaliação contribuiria para sua formação? De que forma?</p>
--	---

12. Nos questionários aplicados foram selecionadas duas opiniões favoráveis e duas contrárias no seguinte questionamento? “Quando e porque é necessário avaliar o colega?”. Gostaria que você comentasse essas opiniões:

“Não acho necessário, gera constrangimento e contribui ainda mais para desestimular os alunos do curso”

“Não sou muito de acordo, pois creio que somente o professor é capaz de avaliar sem considerar questões pessoais. (e olha lá)”

-“Para se obter noção crítica de comportamento e comprometimento do colega ou no caso futuro, um possível aluno”.

- “Do caso do curso serve como um estágio para o futuro como professor além de ter uma idéia de como os outros nos avaliam quais os pontos positivos e negativos que podemos melhorar.”

Anexos 3

Avaliação de um aluno envolvido em um debate

Situações de avaliação
- Em um grupo, alunos apresentam um texto que cada um leu, um estudo que cada um realizou
- Em um grupo, alunos participam de um debate argumentado sobre um tema preparado
- Em um grupo, apresentação de um dossier técnico no quadro de um estudo de realização
- Em um grupo, confrontação dos encaminhamentos para tratar de problemas
Centração da avaliação
- Arrisca-se a tomar a palavra em primeiro lugar
- Apóia na palavra de outro para enriquecê-la
- Apóia-se na palavra do outro para completá-la
- Apóia-se na palavra do outro para contestar, refutar
- A tomada de turno é fundamentada por uma justificativa e não por um à priori
- Justifica sua tomada de turno
- Faz reformular
- Toma a palavra para regular
- Se inscreve em uma progressão coerente

Avaliação de um trabalho escrito sobre um tema
1. Presença de uma página de apresentação
2. Presença de um sumário
3. Pertinência das partes do sumário
4. Relação entre cada título do sumário e o conteúdo das paginas correspondentes
5. Qualidade da redação de cada parte
- parágrafos
- escolha de títulos e subtítulos
- construção de frases curtas
- utilização de um vocabulário variado e adaptado
6. Riqueza das informações apresentadas em cada parte
7. Desenvolvimento do tema
8. Escolha de ilustrações
9. Pertinência das articulações entre as diversas partes do trabalho
10. Indicação das fontes utilizadas

Cr terios de avalia o de uma exposi o oral

Qualidades orais do aluno
O aluno fala inteligivelmente
- articula�o
- volume sonoro
- fluidez
O aluno leva em conta seu audit�rio
- Olha em dire�o do p�blico
- utiliza notas
- registro de l�ngua
- gestual significativo
- dom�nio do corpo
Qualidade de comunica�o
- discurso organizado (plano)
- express�o por frases constru�das
- discurso livre da simples leitura
- riqueza de informa�es comunicadas
- diversidade de tipos de discurso: descri�o – narra�o – argumenta�o
Respeito �s ordens
- apresenta�o e justificativa do assunto escolhido
- apresenta�o e explica�o do encaminhamento desenvolvido
- comunica�o de resultados
- balan�o: dificuldades encontradas, interesse, aquisi�es
- respostas �s perguntas

AUTOAVALIAÇÃO E AVALIAÇÃO DOS PARES

Legenda 4.muito bom 3. bom 2.passável 1. a melhorar	Pesquisa/ compartilha informações		Papeis e responsabilidades		Cooperação		Gestão do tempo		NOTA
	Dá informações pertinentes	Contribui para dar detalhes complementares	Representa seu papel	Assume suas responsabilidades	Discute e divide idéias	Respeita a opinião dos outros	Controla seu tempo eficazmente	Concentra-se no trabalho a fazer	
Nome:									
Colega 1:									
Colega 2:									
Colega 3:									
Colega 4:									
Professor									